



---

Mário Cesariny

# Biografia

MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS [Lisboa, 1923 - Lisboa, 2006]



Poeta e pintor, tendo participado em várias exposições.

Na Escola António Arroio fez estudos orientados para as Belas-Artes, que desenvolveu mais tarde.

A sua afirmação como escritor faz-se em torno do primeiro grupo surrealista de Lisboa, desempenhando intensa actividade que nunca interrompeu: intervenção em conferências, publicação de folhas volantes colectivas e individuais, organização de antologias (Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito, 1961; Surreal/Abjeccionismo, 1963; A Intervenção Surrealista, 1966; 50º Aniversário do Primeiro Manifesto Surrealista, 1974; Horta de Literatura de Cordel, antologia, 1983; etc.) Publica também traduções (Rimbaud, Artaud, etc.)

Inicialmente próximo do Neo-Realismo, rompe com este movimento que é posto em questão de um modo sarcástico e irónico em "Nicolau Cansado Escritor", que foi recolhido, em 1961,

em Poesia: 1944-1955.

Entretanto, apresenta-se como defensor ortodoxo do movimento surrealista, envolvendo-se nas confrontações e rivalidades entre grupos ligados a esse movimento ou em várias polémicas. A sua poesia é espontânea, subversiva, fulgurante, animada por um sentido de contestação aos comportamentos ou princípios mais institucionalizados ou considerados normais no campo do pensamento, da cultura, dos costumes, do erotismo. Ao recorrer a processos tipicamente surrealistas (enumerações caóticas, utilização sistemática do sem-sentido ou do humor negro, formas paródicas, trocadilhos e outros jogos verbais, automatismo, etc.), não deixa de atingir o que possa haver de imprevisível numa linguagem que sabe encontrar o equilíbrio entre o quotidiano, tantas vezes surpreendido sentimentalmente, e o insólito, a clareza e o hermetismo, a ternura e a agressividade, o artifício e a mais exaltada espontaneidade. Escreveu um texto de índole teatral (Um Auto para Jerusalém, 1964) e reuniu em livro (As Mãos na Água a Cabeça no Mar, 1972) um conjunto de artigos sobre vários escritores, pintores, movimentos artísticos, etc. Colaborador das revistas Transformacion (Inglaterra), Brumes Blondes (Holanda), Phases e La Crecele Noire (França), Arsenal: Surrealist Subversion (EUA). Parte do espólio de Mário Cesariny encontra-se no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional.

# Bibliografia

---

- *Corpo visível* (Poema), 1950 ; 1996
- *Para bem esclarecer as gentes que ainda estão à espera...* (Folheto), em colab. com Cruzeiro Seixas,
- *Mário-Henrique Leiria*, 1951 ; 1970
- *Discurso sobre a reabilitação do real quotidiano* (Poesia), 1952
- *Louvor e simplificação de Álvaro de Campos* (fragmento) (Poema), 1953
- *A afixação proibida* (Cadavre-exquis), em colab. com António Maria Lisboa, Carlos Eurico da Costa, Cruzeiro Seixas, Henrique Risques Pereira, Pedro Oom, 1953
- *Manual de prestidigitação* (Antologia Poética), 1956 ; 2005
- *Pena capital* (Poesia), 1957 ; 1999
- *Alguns mitos maiores alguns mitos menores propostos à circulação pelo autor* (Poesia), 1958
- *Autoridade e liberdade são uma e a mesma coisa* (Folheto), 1958 ; 1962
- *Nobilíssima visão* (Poesia), 1959 ; 1991
- *Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito* (Antologia), 1961 ; 1989
- *Poesia (1944-1955)* (Poesia), 1961
- *Planisfério e outros poemas* (Poesia), 1961
- *Surrealismo Abjeccionismo* (Antologia), 1963 ; 1992
- *Um auto para Jerusalém*, adaptado de Os Doutores a Salvação e o Menino, de Luiz Pacheco (Teatro), 1964
- *A cidade queimada* (Poema), 1966 ; 2000
- *A intervenção surrealista* (Ensaio e Antologia), 1966 ; 1997
- *Do Surrealismo e da Pintura em 1967: Cruzeiro Seixas* (Ensaio), 1967
- *19 projectos de prémio Aldonso Ortigão seguidos de Poemas de Londres* (Poesia), 1971
- *As mãos na água a cabeça no mar* (Ensaio), 1972 ; 1985
- *Burlescas, teóricas e sentimentais* (Antologia Poética), 1972
- *Jornal do gato, «resposta a um cão»* (Epistolografia), 1974 ; 2004
- *Contribuição ao registo de nascimento existência e extinção do Grupo Surrealista de Lisboa.*  
 (Epistolografia), 1974
- *Titânia* (Romance), 1977 ; 1994
- *Textos de afirmação e de combate do movimento surrealista mundial* (Ensaio e Antologia), 1977
- *Primavera autónoma das estradas* (Poesia), 1980
- *Horta de literatura de cordel* (Antologia), 1983 ; 2004
- *Sombra de almagre* (Poema e serigrafia), 1983
- *Vieira da Silva, Arpad Szenes ou o castelo surrealista* (Ensaio), 1984
- *O virgem negra* (Poesia), 1989 ; 1996
- *Uma combinação perfeita, poemas-colagens* (Álbum ilustrado), 1995
- *Poemas de Mário Cesariny ditos por Mário Cesariny*, contém um CD de 58 m., 2007



## **Grande Prémio Vida Literária APE/CGD**

(Prémio pelo conjunto da obra), 2005

# Notícia Falecimento

Morreu Mário Cesariny

26.11.2006 - 11h53 Lusa, PUBLICO.PT



poeta e pintor Mário Cesariny, principal representante do surrealismo português, morreu esta madrugada em sua casa, em Lisboa, aos 83 anos.

O corpo do escritor, falecido cerca das 05h30, deverá seguir para a Igreja de Santo Condestável e o funeral realiza-se amanhã, pelas 14h00, informou à Lusa a sua governanta.

Cesariny destacou-se pela produção artística variada. Pela pintura, colagem, poesia, humor e música passaram as mãos inquietas e experimentalistas do artista.

"Mário Cesariny é antes de tudo um ser superior, o ser mais admirável que eu conheci", comentou, comovido, o amigo Carlos Cabral Nunes, galerista, em declarações à rádio TSF.

Carlos Cabral Nunes salientou que, apesar da perda, "fica uma obra admirável de todos os pontos de vista". "Não tenho memória de alguém que tivesse, em tantas áreas, tanta qualidade e tanta genialidade".

O editor do poeta e pintor Mário Cesariny, Manuel Rosa, realçou hoje que "ele ocupa um lugar central na poesia portuguesa do século XX", mas "foi mais que um poeta".

"Cesariny foi o maior representante do surrealismo em Portugal e tem também um trabalho muito importante ao nível das artes plásticas, tendo ganho há dois anos o Grande Prémio de Pintura EDP", lembrou.

## Expoente do surrealismo

Mário Cesariny nasceu em 1923 em Lisboa e começou o seu percurso na área do neo-realismo. Pintor e poeta, frequentou o Liceu Gil Vicente, o primeiro ano de Arquitectura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e a Escola de Artes Decorativas António Arroio, além de ter estudado música com Fernando Lopes Graça.

Quando partiu para Paris, onde estudou na Academia de La Grande Chaumière, teve um encontro que marcaria a sua vida e obra. André Breton, fundador do movimento surrealista francês, entrou na vida de Cesariny em 1947 e com ele o surrealismo. Quando regressou a Lisboa, Mário Cesariny já integrava o Grupo Surrealista de Lisboa e o movimento tê-lo-ia daí em diante como um dos seus principais embaixadores portugueses.

O Grupo Surrealista de Lisboa era formado por António Pedro, José-Augusto França, Cândido Costa Pinto, Marcelino Vespeira, João Moniz Pereira e Alexandre O'Neill e servia para protestar contra o regime político vigente em Portugal e contra o neo-realismo.

Mas as cisões no seio do grupo levaram Cesariny a abandoná-lo e a fundar mais tarde o "anti-grupo" Os Surrealistas, com Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Fernando José Francisco, Carlos Eurico da Costa, Mário-Henrique Leiria, Artur do Cruzeiro Seixas e Pedro Oom, entre outros.

# Notícia Falecimento (Cont.)

---

Em 1949, redigiu, com o grupo, o seu manifesto colectivo, "A Afixação Proibida" e promoveu as sessões "O Surrealismo e o seu Público em 1949" e a I Exposição dos Surrealistas. Quando terminaram as experiências colectivas do que foi quase "um movimento (mais ou menos) organizado" - 1947/1953 e 1958/1963 - Cesariny prosseguiu sozinho, como faziam alguns dos seus outros companheiros que sobreviveram à aventura surrealista, com uma actividade inesgotável e orientada em várias direcções.

Nas suas obras, adoptava uma atitude estética caracterizada pela constante experimentação e praticou uma técnica de escrita e de pintura muito divulgada entre os surrealistas, designada como "cadáver esquisito", que consistia na elaboração de uma obra por três ou quatro pessoas, num processo em cadeia criativa, em que cada um dava seguimento, em tempo real, à criatividade do anterior, conhecendo apenas uma parte do que aquele fizera.

Primeiro, dedicou-se à pintura de forma ocasional e, a partir de certa altura, de uma forma quase exclusiva, tendo deixando de lado algumas facetas do seu talento: primeiro, deixou de tocar piano, depois, foi a vez da escrita - "secou", dizia. Quando lhe perguntaram uma vez se não sentia necessidade de escrever, respondeu: "Nenhuma. Para quê? A quem?".

"A poesia foi um fogo muito grande que ardeu. Depois ficaram as cinzas. Não sou capaz de fazer versos porque sim. Acabou", declarou, no documentário "A utografia" (nome de um poema seu), realizado por Miguel Gonçalves Mendes em 2004, o único feito sobre a sua vida e obra.

"Sou um poeta bastante sofrível, um grande poeta numa época em que o teatro está muito baixo", "sem Anteros, Pessanhas ou Pessoas", e em que "o surrealismo foi transformado em museu", afirmou.

Da sua extensa obra literária, destaca-se o seu trabalho de antologista, compilador e historiador (polémico) das actividades surrealistas em Portugal, sendo também a sua obra poética considerada um dos mais ricos e complexos contributos para a história da poesia portuguesa contemporânea.

Uma poesia primeiro de intervenção contra as poéticas dominantes, no Portugal da década de 1940, através da paródia e do pastiche sarcásticos, uma poesia da tentativa fracassada de reabilitação da realidade quotidiana e depois, sobretudo, uma poesia do amor louco, desejado, vivido ou mal vivido, abandonado ou traído, cantado ou recordado e reinventado de forma elegíaca.

Para Cesariny, homossexual assumido, o amor era "um desmesurado desejo de amizade", em que "o outro é um espelho sem o qual não nos vemos, não existimos", e "a única coisa que há para acreditar".

"[É] o único contacto que temos com o sagrado. As igrejas apanharam o sagrado e fizeram dele uma coisa muito triste, quando não cruel. O amor é o que nos resta do sagrado", defendia.

# Notícia Falecimento *(Cont.)*

---

Da sua obra, fazem parte títulos como "Corpo Visível" (1950), "Manual de Prestidigitação" (1956), "Pena Capital", "Nobilíssima Visão" (1959), "Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito" (1961), "A Cidade Queimada" (com arranjo gráfico e ilustrações de Cruzeiro Seixas, 1965), "Burlescas, Teóricas e Sentimentais" (1972), "Primavera Autónoma das Estradas" (1980), "O Virgem Negra. Fernando Pessoa Explicado às Criancinhas Nacionais & Estrangeiras por M.C.V." (1989) e "Titânia" (1994).

Sobre as sessões para que o convidavam e em que o aplaudiam, o poeta comentava: "Estou num pedestal muito alto, batem palmas e depois deixam-me ir sozinho para casa. Isto é a glória literária à portuguesa".

Em 2005, recebeu as duas únicas distinções da sua carreira: o Grande Prémio Vida Literária APE/CGD, pelo conjunto da sua obra, e a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, que lhe foi entregue pelo então Presidente da República Jorge Sampaio.

Nos últimos anos de vida, desenvolveu uma frenética actividade de transformação e reabilitação ou "redenção" do real quotidiano, da qual nasceram muitas colagens com pinturas, objectos, instalações e outras fantasias materiais.

"Gostava de ter daquelas mortes boas, em que uma pessoa se deita para dormir e nunca mais acorda", afirmou em "Autografia".